

DA SECULARIZAÇÃO AO PLURALISMO RELIGIOSO: ASPECTOS DA PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

Rubia Evangelista Oliveira Lima, Sergio Ribeiro Santos

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo expos os conceitos de secularização (declínio da modernidade em relação ao domínio religiosos institucional e simbólico) e de pluralismo religioso (tendencia moderna da convivência entre diferentes concepções de realidade, moralidade e religiosidade), abordando primeiramente os conceitos sistemáticos desenvolvidos por Peter Berger (exteriorização, objetivação e interiorização) utilizados para compreender a construção social da mundo e das ferramentas de manutenção de deste mundo humanamente criado, assim como a utilização da religião com força legitimadora e alienante dos indivíduos para a manutenção do nomo social. Assim, compreender as conclusões do autor em se opor a teoria da secularização e a adoção do conceito de pluralismo como a tendencia religiosa para o futuro.

Palavras-chave: Secularização. Pluralismo. Religião. Modernidade.

ABSTRACT

The present work aims to expose the concepts of secularization (decline of modernity in relation to the institutional and symbolic religious domain) and religious pluralism (modern tendency of coexistence between different conceptions of reality, morality and religiosity), first approaching the systematic concepts developed by Peter Berger (exteriorization, objectification and interiorization) used to understand the social construction of the world and the tools for maintaining this humanly created world, as well as the use of religion as a legitimizing and alienating force of individuals for the maintenance of the social name. Thus, understanding the author's conclusions in opposing the theory of secularization and the adoption of the concept of pluralism as the religious trend for the future.

Keywords: Secularization. Pluralism. Religion. Modernity.

INTRODUÇÃO

O Iluminismo do século XVIII foi um divisor de águas na cosmovisão e entendimento do mundo acerca dos acontecimentos políticos, sociais e também religiosos. Uso da razão, a busca de provas aos argumentos estabelecidos, o desenvolvimento das ciências da natureza, tal como um olhar apurado as relações humanas resultaram a um esfriamento das convicções religiosas no século XIX, nascendo uma sociedade secular, isto é, uma sociedade cuja forma de pensamento dominante não se justifica, explica ou apoia na fé, mas em performances científicas, resultados através de experimentos, pesquisas, análises e observações.

Considerando as afirmações de alguns dos pais da Sociologia tratando sobre religião, Max Weber aborda dois conceitos importantes, sendo o primeiro sobre o desencantamento do mundo moderno, sobre a busca de contemplação e realização da fé não se dar num mundo metafísico, porém em um mundo tangível. O segundo conceito abordado por Weber é o de secularização, que aponta para uma racionalização da fé que conseqüentemente resulta no declínio religioso. Para Karl Marx, no entanto, a religião trata-se de uma forma consciente inversa do ser humano para com o meio. Isto é, para Marx a religião ludibria ou altera a consciência humana impedindo o olhar crítico sobre o que está havendo em sua realidade, tornando-se um ópio ao povo, um agente congruente a coerção e dominação social.

Dos muitos autores que trataram acerca da secularização da sociedade contemporânea, o sociólogo e luterano Peter Berger destaca-se não apenas por seu referencial de análise e construção de tese qual comportar os autores clássicos mencionados acima, assim como outros, como Comte.

Berger é notado por após defender e apontar a secularização como um processo no qual os setores e áreas sociais são tirados da submissão e jugo religioso, no qual a religião é conivente e legitimadora da realidade social atual (Dossel Sagrado), e após migrar seus trabalhos de pesquisa para a ideia de que o desfecho da sociedade moderna não é secular, mas sim plural! Ou seja, ao invés do fim do

fenômeno religioso, há uma série de vertentes, movimentos, crenças... acontecendo simultaneamente.

DESENVOLVIMENTO

Para tratar das teorias da secularização ou do pluralismo, precisamos compreender determinados conceitos que embasaram o estabelecimento dessas teorias sociológicas por Peter Berger. O primeiro conceito é referente a *construção do mundo*. Os animais nascem com um mundo pronto para recebê-los e quase que totalmente prontos para tal mundo. Apesar de ainda terem o amadurecimento biológico e término de formação (como crescer as penas e desenvolver a capacidade voar), eles nascem com seus instintos prontos para a vida que viverão, assim como como detêm um ambiente natural que já esperam por ele. Os seres humanos por sua vez, concluem seu processo de apuração instintiva durante toda a vida. E, não têm nicho de sobrevivência tão definido para que possa se desenvolver. Assim, como uma constituição biológica o mundo dos homens é construído, e a partir dessa construção os homens também se constroem, pois neste trabalho ele constrói a si mesmo especializando seus impulsos e provendo estabilidade a si mesmo.

Esse trabalho é chamado de processo de *exteriorização*, nesse processo o ser humano coletivamente produz estruturas que o auxiliam na relação com o mundo que o rodeia, essas estruturas vão desde a linguagem (num sistema complexo gramatical e num dialeto cotidiano) até códigos civis ou até mesmo a estrutura religiosa. O conjunto de produtos construídos pelos humanos é a o que chamamos de cultura. A cultura é instável e mutável conforme o tempo e as gerações que lhes permeiam, a forma de mantê-la se com um dos produtos que a compõe, a sociedade. A sociedade é um produto humano que coordena e distribui as ações humanas, apesar de ser um produto, dela depende a permanência da cultura pelas gerações e a preservação da vida humana em finalidade última.

Dessa forma chegamos ao que se pode chamar de *objetivação*, uma situação em que os produtos da atividade humana se tornam o mundo aparte do homem, no qual os produtos ganham caracterização própria e chegam a se sobrepor, confrontar

e resistir aos desejos de seu produtor. Embora cada estrutura cultural seja originária na mente humana, após sua exteriorização elas não podem desaparecer conforme o desejo subjetivo, de forma que tem de se conviver com essas estruturas ou criar outros mecanismos que as erradiquem ou modifiquem. Assim, a sociedade é uma espécie de atividade humana objetivada que age de maneira coerciva ao homem, no que tange sua própria existência quando por exemplo, não há valor ou condição de uma vida aparte ou contra a sociedade, pois logo se cairia numa existência antissocial ou não seria um homem civilizado (seria um marginal). A objetividade da sociedade se estende em todas as áreas, a família por exemplo é apreendida como uma realidade objetiva, a instituição exterior e coercitiva está lá impondo ao indivíduo papéis ou, padrões predefinidos, de maneira que uma mulher não só exerce o papel de mãe exige-se que ela seja (essência e existência) uma mãe em sua consciência. Isso a conduz a uma série de confrontos do seu eu interior com a função objetiva que lhe foi estabelecida. Portanto, podemos dizer que a sociedade objetiva ou almeja objetivar parte da identidade humana e que este diálogo ou confronto na consciência é o que possibilita o processo de socialização.

A sociedade enfrenta problemas com a disseminação da cultura entre as gerações, o processo de socialização é uma maneira de se combater a este problema. Em suma a socialização pode ser compreendida como o estabelecimento da simetria entre o mundo objetivo e a consciência subjetiva individual. Chega-se então ao processo de interiorização, que corresponde a apropriação da realidade institucional e de seus papéis pelo indivíduo. Diante disso, é importante ressaltar que para a permanência da sociedade a interiorização precisa ocorrer de modo individual e coletivo, e que o processo de socialização perpassa a existência tendo assim a precariedade dos mundos construídos pelos homens.

Compreendendo os processos de exteriorização, objetivação e interiorização, nos quais os homens conforme suas necessidades de sentido (consideremos isso como um fator biológico único à espécie humana visto a racionalidade) constroem um mundo para si, repleto de instituições cuja soma resulta na cultura, e dentre estas as instituições a sociedade faz o papel de mantenedora da cultura e da realidade objetiva. Observa-se que com o aumento dessas relações ou ciclos se estabelece um *nomos social*, cuja sociedade se esforça para que os indivíduos não apenas o absorvam como

realidade vigente, mas que o considerem como uma ordem inevitável. De maneira que a ausência dessa ordem conduziria a anomia desde a barbárie social, como a falta de sentido, o vazio, a depressão, a dúvida e o desespero particular. Diante disso, quando o *nomos* social atinge essa qualidade de expressão de evidência, há uma fusão (ou confusão) de seus sentidos com os sentidos fundamentais do universo, em outros termos, os sentidos humanamente construídos são projetados no universo. E, quando o nome é percebido como a natureza de todas as coisas, ele ganha uma estabilidade social muito forte. Voltando às estruturas sociais frutos da engenharia humana na construção de um mundo ou na construção de sentido, a religião é o empreendimento humano capaz de cosmificar e sacralizar o *nomos* social, ela é o ápice da auto exteriorização do homem na infusão de seus sentidos à realidade, ela projeta a ordem humana na totalidade do ser, é a tentativa de conceber o universo como humanamente significativo. No cosmos sagrado as construções humanas alcançam sua culminância, sua apoteose.

Diante da precariedade dos mundos construídos e do objetivo de social da permanência de uma ordem, a legitimação religiosa é um processo que atua assim como a socialização na manutenção da realidade objetiva, visando o *perpasso* da cultura às gerações. As legitimações podem ser compreendidas como respostas aos “porquês”, elas atuam infundindo uma condição ontológica de sagrado às instituições sociais, e trabalhando na repetição de seus princípios ou conceitos a fim de fundamentá-los como obviedades. Elas concebem às instituições sociais numa percepção de microcosmos e macrocosmos, isto é, trabalha a realidade vigente e seus papéis sociais como uma mimese da realidade sagrada universal. Como por exemplo, que os governos humanos representam o governo sagrado em justiça, ou, a função da paternidade reiterando o amor e a soberania divina como um protótipo. A religião age como uma interpretadora da realidade conferindo as experiências humanas um sentido cósmico (“a vontade de deus”, “um plano maior”, “propósito incompreendido”), porém a realidade cotidiana cosmificada entra em xeque quando a morte é refletida, o que resulta geralmente em novas proposições como uma vida após a morte, assim como a justificação da morte (morreu pelo país, este descansando agora). Para que essas proposições ou legitimações sejam concebidas, é necessário um contexto social que se denomina *estruturas de plausibilidade* que em grosseiras palavras corresponde

a um solo monocultural, no qual o choque de realidades e questionamentos não poderão infringir essas estruturas criadas como base das legitimações.

Dentre as formas e níveis de legitimação religiosa temos a *teodiceia* como uma forma de explicação do sofrimento e morte humana, essas explicações são consideradas desde as formulações mais simples de pessoas de pouca escolaridade, até mesmo as mais sofisticadas formulações teológicas. Uma característica marcante da teodiceia é a relação sadomasoquista entre o indivíduo e ordem divina, pois além do sofrimento qual busca-se uma explicação, esta última tende a leva-lo a uma anuência de si e de seus processos e traumas, a fim de aceitar o nomo vigente. Como por exemplo, a aceitação de se nascer e permanecer numa classe social marginalizada sob a ideia de que as castas sociais têm um papel divinamente estabelecido. Ou, que a vida e seus processos são resultantes de um *kharma* das vidas passadas. Ou, que vivemos as consequências da humanidade pecaminosa caída do Éden. Ou, que o sofrimento humano pode ser justificado diante do sofrimento de Jesus, isto é, se o Deus pelos nossos pecados sofreu, quem dirá nós pecadores. Esse tipo pensamento que foi bastante edificado na idade média começou a ruir com a modernidade e a contemporaneidade com o Renascimento no desenvolvimento de correntes filosóficas como o Iluminismo, assim como a revolução copernicana e o desenvolvimento das ciências naturais e especialmente com as Guerras Mundiais.

Para finalizar os pressupostos acerca da religião vamos retomar a ideia de interiorização como o estabelecimento de uma dupla consciência ou a dialética entre o eu “eu interior” e o “eu agente social” que se dá através da socialização. Esse processo interiorização somado as legitimações conforme explicadas acima, tendem a apropriação individual do mundo como sagrado numa forma que se esquece de que este é um produto de construções humanas, assim chega-se em *alienação*. O mundo que seria um lugar de expansão da consciência se torna um agente alienador.

Assim podemos dizer, que um mundo alienado é um fenômeno da perda de consciência, e, que essa perda não resulto em uma anomia. O oposto, serve como um instrumento de manutenção das estruturas nômicas. A religião como um instrumento de manutenção do nomo se torna alienadora para possibilitar essa manutenção, as instituições humanas são divinizadas e perde-se a noção de que elas são uma consequência de processos humanos e históricos. Os mistérios suprahumanos

obscurecem o terror da vida terrena, a religião esmaga a própria consciência do indivíduo postulando o estranho (realidade objetivada) contra o ser humano. Assim, a religião mistifica e fortifica instituições através de um ato de má-fé de alienação da consciência no que tange a realidade e seus papéis significativos dentro desta.

SECULARIZAÇÃO: TEORIA INICIAL

Segundo Peter Berger, a secularização pode ser definida como um processo em que os setores da sociedade e cultura são emancipados da tutela religiosa institucional e simbólica. Ou seja, temos a separação do Estado, da educação, das ciências e de toda a realidade material da esfera eclesiológica. Porém, além disso temos a separação subjetiva do simbolismo religioso de forma que no Ocidente (conforme a teoria inicial de Berger) existe um número de pessoas que assumem as rédeas de suas vidas sem a utilização de recursos religiosos. A secularização se tornou um fenômeno global, entretanto não se manifesta igualmente em todos os lugares, a Europa tornou-se secularizada num ponto que a religião é um fator dominantes regiões marginalizadas em detrimento dos centros urbanos, nos Estados Unidos entretanto, a igreja é ainda uma forte instituição porém a secularização faz parte da rotina litúrgica da *ekklesia*.

Apesar do objetivo último de Berger ao explicar o secularismo não ser apontar sua causalidade, não se pode dispensar o fato de que a relação do cristianismo com a modernidade elevou o sentimento de “Desencantamento do mundo”. Com a Reforma Protestante e o Renascimento, a ruptura com elementos mágicos que compunham a ponte sacramental entre a vida terrena e vida espiritual, conforme o catolicismo medieval postulava, levou a civilização a estado no qual o mundo era algo totalmente solitário, pecaminoso e imanente, e Deus com toda sua transcendência, glória e bondade estava distante da realidade humana agora mais nítida que anteriormente.

Todavia, conferir ao protestantismo e a renascença o peso e a responsabilidade pelo esfriamento das convicções religiosas como algo totalmente novo na sociedade não é cabível. Pois, apesar do protestantismo ter sido um prelúdio a secularização esse mesmo desencantamento já estava presente nas sociedades do mundo antigo conforme a bíblia narra. A emancipação dos hebreus do escravismo egípcio foi maior do que uma libertação física e geopolítica, houve a ruptura com o panteão egípcio, todos os seus elementos sacros e todos os rituais. E o estabelecimento de uma nova

concepção de mundo e fé, os israelitas agora servem um Deus único que não tem uma esposa acompanhante, nem um panteão ao seu redor. Um Deus que se move como nuvem, como fogo, como a arca da aliança, porém que não habita em templos. Que aceita sacrifícios, entretanto não depende deles. Se comparado ao mito fundante de outros povos do Oriente, a desmitologização do Éden exclui uma arena de deuses e de forças da natureza, e reduz tudo isso aos atos de Deus e aos atos dos homens. Uma realidade de alteridade, de distância. O cosmos foi criado por Deus, mas eles se defrontam e não se permeiam.

Diante disso o desencantamento tão postulado sobre o protestantismo já estava presente em sociedades anteriores, essa ética de racionalização judaica que a seu modo está presente no Islamismo, produziu as críticas a encarnação de Deus através de Cristo e não aceitação do cristianismo. Ao mesmo tempo o conceito de encarnação que serviu para crítica racional dessas religiões, serviu como embasamento para outras diversas outras encarnações e apropriação de mitos do catolicismo, como por exemplo a apoteose de Maria. Portanto, segundo o autor, o catolicismo representa uma mimese de uma religião pré bíblica e arcaica, ao passo que absorveu o legalismo romano e um sistema sacramental proporcional a saída da realidade. Podendo dizer que no fim da Era Clássica, um retorno para o “Egito” impediu a secularização.

De volta a modernidade, a perda de credibilidade da religião nos campos econômicos e nas áreas industriais, tornou o trabalho e a economia pioneiros na emancipação das estruturas religiosas. Vale frisar que apesar dessa tendencia emancipadora da sociedade havia duas estruturas qual a religião ainda poderia se estruturar, isto é, a família e o Estado (não se faz uma guerra sem uma benção, e nem um casamento sem um padre). Todavia, e secularização da economia permitiu o desenvolvimento de tecnologias e expansão dos meios de produção. Dessa forma, assim como ocorreu nas relações comerciais uma crise da credibilidade religiosa, essa crise permeou outras áreas da sociedade conduzindo a um colapso da plausibilidade das estruturas religiosas tradicionais. Os indivíduos agora são tentados e assediados por uma série de tentativas de definição da realidade que competiam por sua adesão ou atenção. De forma que o nomos social outrora definido pelas concepções religiosas agora é um pluralismo decorrente da secularização.

Essa situação muda a forma como a religião se comporta, de estrutura nomizante que outrora tinha objetivo de impedir a permeabilidade de outras realidades

como possíveis na sociedade, agora se vê numa competição quase que de livre mercado visando conquistar seus clientes. O Estado que outrora era um alinhado, agora se isenta dessas relações. As estruturas de plausibilidade que permitiam as legitimações religiosas para a manutenção de um mundo construído agora se resumem na família, e a religião acaba que num processo de mudança de seus princípios e preceitos a um certo grau para alcance do público.

As instituições agora criam uma espécie de acordo comercial que é o ecumenismo seguido da burocratização das rotinas litúrgicas da igreja aos moldes do capitalismo, com a finalidade de atender os clientes e demandas da modernidade. Diante disso, Peter Berger conclui que a secularização produz o pluralismo e vice e versa. E, diante da modernização da fé conforme as tendências modernas ou continuação da estrutura anterior apesar do cenário caótico moderno, temos a crise da teologia.

PLURALISMO: TEORIA POSTERIOR

Pode ser definir como pluralismo a situação social de pessoas de diferentes etnias, religiões e moralidades convivendo juntas de forma pacífica. Em síntese, o relacionamento pacífico entre diferentes. O pluralismo produz uma contaminação cognitiva que leva a relativização permanente, ou seja, o relacionamento entre pessoas diferentes produz um choque entre realidades que questiona tanto a confiabilidade e veracidade de um estilo de vida ou realidade, assim como, questiona a veracidade da própria realidade existente. Esse confronto de ideias é uma característica sempre presente no pluralismo.

Apesar do caráter global ser atingido a partir da modernidade, essa ideia de diferentes coexistindo já não é uma novidade na história humana, diversos períodos foram marcados pela convivência de grupos religiosos e políticos diferentes, como o período do Novo Testamento qual uma casta de judeus habitavam próximos (com exceção dos essênios) numa sociedade dominada pelo Império Romano. Hoje a globalização abre as portas para que até mesmos povos mais distantes dos centros urbanos estejam conectados com realidades diferentes da realidade e costumes locais.

Diante das construções humanas de instituições que lhe conferissem sentido e da imposição de um nomos por parte delas, dentro de um mundo pluralista existe a

desinstitucionalização da realidade vigente a partir do poder de escolhas de um determinado “plano de fundo” conforma chama o autor. Esse pano de fundo é chamado de destino e a escolha de primeiro plano. Assim, numa sociedade de múltiplas realidades pode se escolher uma realidade diferente da tradicional para se viver. Entretanto, nesse processo de escolhas a força motriz da desinstitucionalização é o carisma, ele gera a sensação de liberdade, de rompimento com o passado. Porém, com o passar do tempo, esse mesmo carisma perde sua força com as gerações seguintes diante de uma inquietação insegurança gerada pelo relativismo, de forma que uma nova ruptura ou nova realidade tende a ser escolhida.

Exemplificando de forma bastante simples, um jovem crescido no seio familiar da religião judaica entra em contato com pessoas de diferentes religiões no colégio, após um conflito interno, discussões, pesquisas... ele assume sua expressão religiosa como budista, e forma uma vida dentro desses princípios. É possível que por tradição e convicção sua filha siga o mesmo caminho religioso do pai, mas em sua neta em contato com a cristandade ocidental americana e toda a sociedade de consumo pode ocorrer o rompimento dessa linhagem budista. Esse processo se deu pela rotinização do carisma que levou ao fim da adesão ou escolha religiosa.

Essa inquietação ou insegurança moderna diante das instituições pode desenvolver pelo relativismo na ausência de uma “verdade absoluta” ou axioma qual possa agarrar-se, qual celebra-se a elevação do conhecimento e as somas de convivência, mas se tem o problema de explicar sua realidade como certa diante de tantas realidades. Assim como, pode se desenvolver o esforço para restaurar as tradições passadas. Há um perigo eminente nesse processo de restauração ou de retorno que é a falta de capacidade dialogar com pessoas de cosmovisões diferentes, partindo para uma postura de maior agressividade ante a situação de vulnerabilidade de um ambiente social, ou seja, fundamentalismo.

A MUDANÇA NAS TEORIA SOCIOLÓGICA

A parti do conceito de religião como a crença de que existe uma realidade além da experiência ordinária, a modernidade e a religião não podem ser tidas como antagônicas, conforme pressupõe a ideia de secularização inicialmente proposta pelo autor. Apesar do declínio da religião com os pensamentos processos históricos que acompanham a modernidade, caracterizar o mundo como secular foi um erro

reconhecido pelo autor ao autuar uma visão eurocêntrica como realidade a América Latina, Ásia e África. A modernidade enfraqueceu a certeza religiosa e abriu uma plenitude es escolhas cognitivas e normativas (muitas dessas escolhas são religiosas), dessa forma a modernidade não conduz ao secularismo (o abandono da fé), mas ao pluralismo. Assim diante das considerações de que o pluralismo sustenta/produz as secularização ou ao contrário (conforme afirmado no último parágrafo do tópico “SECULARISMO: A TEORIA INICIAL”), Peter Berger retrata-se e reconsidera que o pluralismo não sustenta secularização, mas que ele tira da religião o poder legitimador de manutenção do mundo através de um nomo social, a partir da relativização no contato de diferentes, abre espaço para uma vasta gama de escolhas. Apesar variantes políticas e religiosas nos territórios na extensão do globo, o mundo é plural! Estima-se cerca de 100 milhões de cristãos na china, mais de 85% dos Brasileiros se declaram como católicos, assim como, estima-se a triplicação do número de mulçumanos na Europa até 2050. Essa pluralidade vai além do encontro cotidiano de pessoas que professam uma fé diferente, mas tem relação com o desenvolvimento especificamente variante de uma mesma religião em lugares diferentes como por exemplo, os cristãos orientais tendem a ser mais conservadores do que do cristãos ocidentais, por exemplo na comunhão anglicana internacional, certamente se terá condenação da homossexualidade como pecado gravíssimo na África, e a tendencia a aceitação e até ordenação e um clero *gay* no episcopado europeu.

O cristianismo global por exemplo, tende a ser mais sobrenaturalista no hemisfério sul, e mais aberto ao naturalismo moderno no Norte. O pentecostalismo por sua vez tem suas variantes, isto é, o culto as cargas (crença na teologia da prosperidade, de que através de ofertas bens de consumo serão adquiridos como bençãos divina) e o culto a ética protestante (a aplicabilidade dos princípios protestantes como estilo de vida, que tende a gerar uma realmente mais prospera através do trabalho duro, abnegação, piedade...). Essa globalização do fenômeno pluralista que contraria as expressões religiosas que outrora seriam fadadas a experiencia geográfica se dá através de mecanismos que possibilitam o contato de diferentes pensamentos, podemos enfatizar a mídia no que tange a evolução tecnológica que vai do rádio, a televisão e internet, perpetuando através de programas, filmes, redes sociais um mundo desconhecido, assim como agencias missionárias que enviam pessoas a diversos lugares, tal como livros e materiais acadêmicos que são

vozes antigas que ultrapassam muitas fronteiras. Diante dessa permeabilidade do pluralismo das culturas e nas fronteiras estabelece-se o pluralismo social.

Considerando a mente não no tríplice freudiano, mas em termos de níveis de certeza, compreende-se que o pluralismo vai a camada mais profunda das certezas humanas (a certeza indiscutível) e altera os conceitos que lá residem a um nível de opinião e certeza que altera as estruturas de plausibilidade e expõe o indivíduo com falta de imunidade ao relativismo. E assim estabelece-se o relativismo na mente.

Visto essa série de proposições contrariando a teoria da secularização como o destino do mundo moderno, Berger propõe duas concepções de pluralismo a primeira é a de religiões divergentes coexistindo de forma pacífica. Enquanto a segunda corresponde a uma pluralidade em que o mosaico religioso convive também a com presença de uma opção secular de realidade. A modernidade plural, é plural não só no que compreende o campo religioso, ela é plural com relação as formas de se enxergar a vida, cabendo um espaço para a visão secular dentro da ótica pluralista. Também é importante lembrar que, diante de um pluralismo individual, social, nas instituições... a separação da relevância religiosa em relação a administração da vida não torna a fé menor ou apostata. Dessa forma, uma pessoa pode crer de forma particular na religião que lhe servir melhor, mas ausência desta manifestação de fé n ambiente de trabalho, estudo, consultas médicas... não implica numa negação da fé apesar da separação do religioso com o cotidiano

Por fim tratando-se do pluralismo na realidade Brasileira podemos compreender que mais de 85% das pessoas se denominam religiosas, sendo o catolicismo a matriz religiosa do país cerca de 50% dessas pessoas se entendem como católicos, seja de forma praticante ou por tradição. Apesar de ser um número bastante grande, a quantidade de católicos no Brasil tem caídos nos últimos anos, e a perspectiva é que esse número se reduza de forma ainda mais drástica nos próximos 30 anos.

Um número que tem crescido de forma interessante é referente ao crescimento do protestantismo, apesar de protestantismo em sua forma clássica ou reformado não estar entre os maiores números, o evangelicalismo vem atingindo proporções cada vez maiores com o uso de recursos midiáticos e um experiência que se baseia no evangelicalismo norte-americano.

As religiões de matriz africana também vêm ganhando corpo no cenário, a popularização e as manifestações contra a intolerância religiosa provocada pela

cristianização na história da sociedade brasileira. Uma informação importante para futuras análises é o crescente número de pessoas não adeptas a nenhuma confissão religiosa especialmente entre os jovens. Essa informação é importante porque sela o conceito de pluralismo como uma realidade que abrange religiões diferentes assim como o secularismo.

Nosso objetivo aqui não é analisar a formação histórica da religiosidade brasileira, mas entender o cenário e diante disso expor as perspectivas para o futuro religioso. Assim, apesar da pluralidade no que toca as instituições sociais serem de grande valor, visto o processo religioso no Brasil primeiramente como um ato explorador entre igreja e Estado, e o desenvolvimento posterior de um protestantismo/evangelicalismo ainda não tão sólido como em outros países. A realidade é de que a religiosidade no Brasil ainda está em construção, pois mesmo com a pluralidade em andamento, uma veia fundamentalista e legitimadora que concede poderes políticos sob legitimações religiosas e utiliza a bíblia e a fé alheia como instrumento alienador para sobre a nação. Conforme os processos eleitorais de 2018 e 2022, a inquietação ante ao relativismo tem ressuscitado o desejo de retorno ao nomo social, mas na forma de um fundamentalismo religioso.

CONCLUSÃO

Visto a exposição dos conceitos sistemáticos que embasam o desenvolvimento das teorias da secularização e do pluralismo, podemos compreender a mudança de pensamento de Peter Berger, tal como a proposição de um novo paradigma. A realidade mundial não se pode reduzir a experiência religiosa europeia. Vemos uma humildade e postura sociológica interessante no autor em reconhecer seu equívoco teórico, visto as terríveis violências materiais e simbólicas que uma visão de mundo eurocêntrica foi capaz de proporcionar na América Latina, Ásia e África.

Observando a cristianização do Brasil em detrimento da cultura indígena por exemplo, o conceito de pluralização, se desenvolvido anteriormente, poderia ter evitado a perda da cultura de grande parte dos povos originários da nação. A legitimação religiosa presente na formação católica brasileira foi base para absurdos como o genocídio dos povos indígenas a exploração ilegal das terras e a escravidão dos povos africanos. Sem levarmos em consideração o caráter mercantil, capitalista e explorador presente na formação religiosa brasileira, podemos chegar a ousada

especulação que nem mesmo o relativismo produzido dentro da matriz pluralista seria capaz de anular a herança cultural que teríamos para compartilhar com o mundo.

A partir das bases sistemáticas que estruturam a o desenvolvimento das teorias de secularização e pluralismo, conseguimos entender um pouco melhor a atuação da religião de forma imperativa na sociedade. Apesar do pluralismo ser uma realidade bastante eminente ao solo brasileiro visto a variedade religiosa que possuímos, não podemos negar uma tendência fundamentalista que nos cerca e que a qualquer desvio da civilização pode vir a privar as liberdades pensamento.

Como teólogos protestantes em formação, devemos ter um compromisso de não permitir que as escrituras sirvam como instrumento de coerção social, assim como a utilização do sagrado como mecanismo de legitimação de autoridades instituídas pelas organizações humanas como a democracia. Precisamos ser compreensivos que apesar das rupturas modernidades não serem tão recentes, essa realidade plural e dialética ainda está em formação no Brasil. Temos pois, o trabalho educacional de formar crentes (sejam eles de qualquer religião) capazes de dialogar, e não pender para a agressividade ou demonização alheia ante divergência e a relativização.

Diante das exposições temáticas acima pudemos aproveitar a ocasião para trabalhar alguns dos muitos conceitos que chamaram a atenção ao longo do curso, como desmitologização, secularismo, pluralismo, o desencantamento do mundo etc. Além disso, pudemos fazer leituras cujo autores conversaram com outros autores que foram de importantes ao longo de nossa jornada na graduação, como Rudolf Otto, Karl Barth, Emil Brunner, Clifford Geertz, Soren Kierkegaard, Immanuel Kant, Friedrich Schleiermacher e muitos outros.

A escolha do tema fora uma tentativa, ainda que precoce, de apresentar uma abordagem teológica que seja relevante aos dias atuais. Nas bases teológicas comumente advertidas como liberais pudemos encontrar pessoas que humildemente se dispuseram a fazer teologia em meio as dores do nascimento da modernidade, assim falar de pluralismo é falar de uma realidade que permita que as correntes teológicas sejam livres para pensar sobre Deus, sobre si, sobre a fé, sobre a vida e sobre o céu, não sob um jugo denominacional, acadêmico ou até mesmo fundamentalista. Mas, que a fé seja plausível a realidade de cada pessoa independente de sua condição física, étnica, sexual...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, L. Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, L. Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982

BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. 7ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1992.

BERGER, L. Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, L. Peter. **Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

Guerriero, Silas. Pinezi, Ana Keila Mosca. **Pluralismo Religioso no Brasil**.

Disponível em:

<https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/10019_PLURALISMO+RELIGIOSO+NO+BRASIL>; Acesso em 16 de nov. de 2022.

Berger. Peter L. **O Fracasso da Teoria da Secularização: Seis Teses sobre o Pluralismo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qmNHEVsbLyM>>; Acesso em 16 de nov. de 2022.